

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

OLNEY SÃO PAULO E GRITO DA TERRA
Nayara Carneiro Santiago¹; Rubens Edson Alves Pereira²

1. Bolsista Pibic/CNPq. Graduanda em Licenciatura em Letras Vernáculas. Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: nayarinha_santiago@hotmail.com.

2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: rubensreap@yahoo.com.br

PALAVRAS CHAVE: Literatura, Cinema, Sertão,

INTRODUÇÃO

A literatura e o cinema caminham lado a lado. Nessas duas artes os temas podem ser locais, quando se aborda uma realidade específica, mas, ao mesmo tempo, também podem ser globais, quando essa mesma realidade absorve a verossimilhança entre as realidades locais de outras partes do mundo. Há um intenso diálogo entre essas duas linguagens, cada vez mais elas se assemelham. Filmar é como escrever e falar ao mesmo tempo, é transcrever em imagens histórias escritas, dando-lhes cor, iluminação, movimento e elementos visuais às imagens que antes eram mentais no texto literário.

Olney São Paulo, que muito contribui para o Cinema Novo, nasceu na cidade interiorana de Riachão do Jacuípe - Bahia em 1936 e após alguns anos foi morar em Feira de Santana com a família para concluir os estudos. Faleceu aos 41 anos, tendo contribuído para sua morte as perseguições militares e os anos de prisão devido a sua proposta libertária de trabalho que contrariava os governantes de 1964. Viveu ao lado de pessoas simples, como biscates, camponeses, que eram os personagens de suas obras. Estava sempre disposto a ajudar, foi funcionário do Banco do Brasil, se aposentando precocemente devido a sua postura de “libertador”. Sempre contou com o apoio de sua esposa Maria Augusta. Para Olney, o cinema em vez de ser “ a melhor diversão”, como era anunciado pelos exibidores, era um poderoso instrumento de participação social. Esse cineasta inovador se encontra no início do Cinema Novo e propôs uma indústria audiovisual no país através da Embrafilme. *Manhã Cinzenta* é considerado o seu filme mais importante, produzido em 1969, estava incluído, assim como *Grito da Terra*, como um dos filmes proibidos de ser visto pela ditadura da época. Gravado em preto e branco, era o retrato das manifestações estudantis em 1968, no Rio de Janeiro. O filme conta a história de um jovem casal de estudantes que são presos após liderar um comício político e são julgados na justiça por um robô. Olney São Paulo já era considerado um cineasta maldito desde seu primeiro longa-metragem, *Grito da Terra*, de 1964, filmado na região de Feira de Santana. Olney sofreu barreiras econômicas e artísticas e foi um dos diretores mais injustiçados pela política do país. No seu filme, *O Forte* (1974), a pauta de Olney São Paulo foi a destruição do patrimônio histórico, no documentário *Pinto vem aí* (1976), mostrou a liderança da política de esquerda e *Ciganos do Nordeste* (1977), gira em torno da marginalização dos ciganos. Em *Teatro brasileiro I: origens e mudanças* e *Teatro brasileiro II: novas tendências*, ambos de 1975, são apontados as influências do moderno teatro brasileiro, em *Dia de Erê* (1978), Olney discuti o sincretismo religioso do povo brasileiro. A filmografia de Olney São Paulo conta com quatorze filmes, e sua literatura, contos e novelas, são a síntese dos caminhos revelados por Olney: aspectos da cultura, conflitos rurais e temas urbanos. Sua paixão pelo cinema surgiu na adolescência, freqüentando o cinema de Feira de Santana e escrevendo artigos e críticas de cinema em jornais locais. Em 1955 Olney realizou seu primeiro curta-metragem, *Um crime na rua*, filmado na feira livre de Feira de Santana. O filme se desenvolve em torno de um crime onde

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

se procura desvendá-lo, filmado em outubro de 1955, ficando a curta-metragem com dez minutos de duração.

O cineasta baiano Olney São Paulo, no filme de sua direção e roteiro, *Grito da Terra*, se preocupa com problemas de sua região, como a seca, a miséria e a subordinação das pessoas pobres por os ricos latifundiários. Este foi o seu primeiro longa-metragem, produzido em 1964, que era, assim como outros projetos de Olney, ligada ao seu mundo sertanejo, mostrando os costumes, o linguajar do povo da caatinga. Adaptado de recurso literário, *Grito da Terra* foi o desenrolar de um romance do escritor Ciro Carvalho Leite, para Olney o título do filme condizia com o pensamento nordestino dele. O local escolhido para filmagem foi a região de Bonfim de Feira, devido seu clima semi-árido. O título do filme demonstra a preocupação de Olney com o homem nordestino do campo. O tema do filme vem da intenção de Olney caracterizar o sertanejo sofrido, onde a única certeza que tem é a morte, marcada pela violência.

A história de Grito da terra se desenvolve em volta de duas personagens femininas: Maria, interpretada por Helena Ignez, e Loli, por Lucy Carvalho. Loli é uma mulher sonhadora e perigosa, que quer sair do seu local de origem para ir ao Sul do país em busca de uma vida melhor. Maria é uma camponesa simples, batalhadora, que acredita no seu povo para superar a seca e a pressão dos latifundiários. O filme é marcado por cenas lentas, assim como a vida dos sertanejos que não tem pressa, inicia-se mostrando o acordar das citadas personagens, Maria acorda disposta e logo inicia as tarefas rurais e Loli acorda preguiçosa, sensual e indiferente com os acontecimentos da fazenda. O filme tem seu tema principal nas relações de subordinação dos grandes proprietários de terras, os comerciantes e os lavradores sofridos. Logo no início do filme encontramos cenas onde ficam evidenciadas as relações de poder, como o diálogo entre os personagens Loli e seu pai Silvério no alpendre da fazenda. O principal vilão da história é o personagem Sebastião (João de Sordi), um comerciante sem caráter capaz de tudo para conseguir seus objetivos. O filme se desenrola entre relações de poder, relações sentimentais de poder entre os personagens, esperança da vinda de um cavaleiro que acabaria com as relações de poder, falta de perspectiva no sertão, mortes violentas e trágicas e a questão da reforma agrária. Os lavradores de *Grito da Terra* também enfrentam os altos impostos do governo, o que acabava fazendo com que as vendas nas feiras livres não fossem tão lucrativas. O filme se destaca por trazer à tona problemáticas existenciais, temáticas universais, como a reforma agrária e a opressão, que mesmo depois de quase 50 anos encontram-se presente ente nós. Interessa-nos, principalmente, como a arte promove a representação do relacionamento entre os lavradores, latifundiários e comerciantes. A situação que os lavradores do filme vivem, marcada por fome, seca e cansaço, constitui um dos problemas da sociedade em que vivemos, onde muitas vezes as relações de poder são disfarçadas.

A realização de *Grito da Terra* enfrentou vários problemas, como a ação da Censura Federal, com cenas cortadas, falta de uma rede de exibição, visão limitada da crítica brasileira e falta de incentivos fiscais. Grito da terra revela o amor de Olney pelo cinema e pela sua região.

MATERIAL E MÉTODO

Na investigação do trabalho, utilizei da leitura e fichamento dos materiais encontrados, reuni textos que tratavam das particularidades entre cinema e a literatura, bem como promovi o estudo crítico comparativo desses mesmos textos, fiz o levantamento da bibliografia básica,

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

buscando em fontes primárias e publicações mais gerais o tema abordado e concluir o fichamento do material encontrado, tendo como foco a obra *Grito da Terra*.

RESULTADOS

As obras de Olney São Paulo ainda não são muito exploradas historiograficamente, mas são de grande valor para discutir cinema e literatura do Brasil na época do regime militar, tratam de problemas humanos locais e globais, como fica comprovado em *Manhã Cinzenta* quando aborda as manifestações estudantis e em *Grito da Terra* quando trata da subordinação dos camponeses pelos ricos latifundiários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse presente trabalho foi o de estudar as obras do cineasta baiano Olney São Paulo, tendo como foco o filme de sua direção *Grito da Terra* adaptado de recurso literário, a fim de obter uma visão global dos aspectos sociais presentes nas obras. Percebemos como é instigante estudar literatura e cinema como artes que se completam. Percebemos como o tema do sertanejo sofrido é abordado nas obras de Olney e como esse se preocupou com problemas de sua região. Teóricos e pesquisadores como José (1999) nos ofereceram viés que nos embasaram sobre a vida do cineasta e suas obras, do mesmo modo que autores como Xavier (2001), Rocha (2003), nos possibilitaram a análise da produção cinematográfica brasileira, como *Grito da Terra*. De posse de fontes teóricas como estas, partimos para a análise dos aspectos estruturais, técnicos, temáticos, etc. do corpus desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Fernando Henrique; WEFFORT, Francisco C; MOISES, José Álvaro. cinema brasileiro. Rio de Janeiro: Fundo Nacional de Cultura, 2001.
- FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do saber. 2. Ed Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1968.
- JOSÉ, Ângela Maria. Olney São Paulo e a peleja do cinema sertanejo. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.
- NOVAES, Cláudio. Cinema sertanejo o sertão no olho do dragão. Coleção Corisco. Feira de Santana, 2007.
- ROCHA, Glauber. Revisão crítica do cinema brasileiro. SP: Cosac & Naify, 2003.
- SÃO PAULO, Olney. A antevéspera e o canto do sol: contos e novelas. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1969.
- SÃO PAULO, Olney. Cravo Santo (estória do cangaço). [S.I.]: Jacuípe, 1971.
- SILVA, Johny Guimarães da; ANTONACCI, Maria Antonieta Martinez. Olney São Paulo: maestro de uma sinfonia de linguagem do sertão. São Paulo: [S.n], 1999.
- TOCANTIS, Leandro. Cinema e literatura - o processo de transposição de linguagem. Revista Filme & Cultura, n. 30, 1978.
- XAVIER, Ismail. Cinema brasileiro moderno. 3. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2006.